

Se eu for só por mim quem sou eu? humanismo e fraternidade nos escritos do Papa Francisco

Denis Cotta*

Resumo: A partir de uma leitura analítica dos escritos do Papa Francisco (1936-) é possível verificar a essência de um humanismo engajado, que se fundamenta em defesa da vida e na valorização da diversidade humana. Além disso, as obras do nosso autor, também sublinham a importância do diálogo genuíno, diálogo este que reconhece a alteridade do outro como sagrada. Neste viés, o pontificado de Francisco lança o desafio de uma *Igreja em saída*, um movimento imbuído de amor, que se destina aos católicos e a todas as pessoas de boa vontade. Entre os aspectos que compõem o seu legado espiritual, o sumo pontífice salienta a necessidade do cultivo da fraternidade e da reverência à vida, como formas de combate às injustiças sociais. Como recurso metodológico, utilizaremos uma análise teórico-bibliográfica das seguintes obras: *Laudato si*, *Fratelli tutti* e *Amoris laetitia*, todas de autoria do Papa Francisco. Em suma, pretendemos evidenciar que, a mensagem difundida por Francisco, nos convida a viver de modo mais altruísta, renunciando a cobiça e o sucesso a todo custo.

Palavras-chave: Fraternidade. Humanismo. Reverência à vida. Papa Francisco.

1. Introdução

A perspectiva adotada por Jorge Mario Bergoglio em seu pontificado é marcada pela ênfase de que, a práxis cristã deve ser orientada em prol das pessoas mais necessitadas, daqueles sujeitos que tem a sua fala silenciada por estruturas de poder. Papa Francisco também nos adverte que uma sociedade mais justa e igualitária só pode ser alcançada mediante o desenvolvimento de uma *consciência fraterna*, isto é, uma ética pautada pela prática do bem comum.

A partir da leitura das obras de Francisco, é possível verificar a preocupação do sumo pontífice quanto ao papel da Igreja no que tange à justiça social. Essa questão fica ainda mais evidente na carta encíclica *Fratelli Tutti*, obra em que o papa aborda questões contemporâneas como os impactos da pandemia do COVID-19 sobre o mundo, principalmente sobre a população de menor poder aquisitivo. O nosso autor ressalta que a indiferença é um dos grandes males da contemporaneidade, pois despoja o outro de sua humanidade, transformando-o em uma *coisa* a ser ignorada.

Além disso, como nos esclarece Francisco (2016), o amor é fundamental na estruturação psíquica e emocional do ser humano, constituindo-se como um elemento indispensável para uma existência mais harmoniosa e saudável. Ainda segundo o nosso autor, os gestos de

* Doutorando em Ciências da Religião pela PUC Minas. O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: cottadenis@gmail.com.

gentileza e de bondade nos permitem realizar um encontro humanizado, pautado pelo respeito e pela valorização da singularidade do outro.

Neste sentido, esta comunicação visa apresentar de modo sintético uma concepção humanista cristã, presente nos escritos do Papa Francisco, se concentrando em três eixos essenciais: 1. O amor e o desenvolvimento psíquico; 2. A preservação da casa comum e 3. O cultivo da fraternidade. A partir deste breve recorte teórico, será possível verificar que a mensagem do papa Francisco nos adverte que a existência adquire mais sentido quando paramos de *viver só para nós mesmos*.

2. O amor primário e a sua relação com o desenvolvimento da dimensão intersubjetiva

Assim como vários estudiosos da psique humana, o papa Francisco pontua em sua obra *Amoris Laetitia*, a importância do cultivo do amor no seio da família. O sumo pontífice nos esclarece que o amor é um elemento constitutivo da personalidade humana, sendo responsável em grande medida pela forma como se dará as relações interpessoais da pessoa. Em outras palavras, o amor é um aspecto de suma importância no processo de desenvolvimento psíquico, emocional e espiritual de um indivíduo, sendo iniciado nos primeiros contatos entre a criança e seus pais/tutores. A este estágio inicial de vínculo amoroso experienciado pelo infante, chamamos de *amor primário* (COTTA, 2020).

No que se refere à noção de amor primário, vale sublinhar o pensamento do psicanalista alemão Erich Fromm, que salienta que o amor oriundo dos pais/tutores causará impactos positivos ou negativos (no caso de falta do amor e de seus atributos) na vida adulta do indivíduo. Ainda segundo Fromm (1971), o amor – entendido enquanto uma atitude dirigida ao outro – entre pais e filhos deve ser permeado também pelo atributo da fé, isto é, os pais devem ter fé nas potencialidades do(a) filho(a). Em outras palavras, a fé depositada – pelos pais – nas potencialidades do(a) filho(a) pode ser comparada analogicamente a um campo de plantio, em que as sementes “[...] crescerão e se patentearão desde que sejam dadas as condições apropriadas a seu desenvolvimento, e podem ser sufocadas se estas estiverem ausentes.” (FROMM, 1974, p. 177).

Estas ponderações nos levam a compreensão de que, o vínculo amoroso experienciado com os pais (ou falta dele), irá repercutir no processo de subjetivação do indivíduo, além de incidir no modo como ele – o indivíduo – irá se relacionar com as demais pessoas no decorrer de sua vida. Todavia, é preciso mencionar que apesar das influências advindas do amor primário

– ou da ausência deste – o indivíduo ainda será capaz de modificar positivamente¹ a sua forma de interação com o outro. Isso significa que a sua personalidade e a sua postura diante da vida poderão se aprimorar mediante novas experiências e *insights*.

Neste viés, vale frisar a cosmovisão do Papa Francisco a respeito do amor conjugal:

O amor sempre dá vida. Por isso, o amor conjugal “não se esgota no interior do próprio casal [...]. Os cônjuges, enquanto se doam entre si, doam para além de si mesmos a realidade do filho, reflexo vivo do seu amor, sinal permanente da unidade conjugal e síntese viva e indissociável de ser pai e mãe.” (JOÃO PAULO II, 1981 *apud* FRANCISCO, 2016, p. 103)

O fragmento anterior destaca a importância de se compreender o amor conjugal como uma ação que se origina entre o casal e que se renova através da figura dos filhos, representantes do elo amoroso. Ainda de acordo com o referido trecho, é possível entender que o amor genuíno é aquele que não se esgota ao ser direcionado ao outro, pelo contrário, ao difundir o amor, a pessoa se sente renovada.

No que tange a ideia de amor primordial oriundo dos pais, Francisco (2016) realiza uma analogia com o amor de Deus:

A família é o âmbito não só da geração, mas também do acolhimento da vida que chega como um presente de Deus. Cada nova vida permite-nos descobrir a dimensão mais gratuita do amor, que nunca cessa de nos surpreender. É a beleza de ser amado primeiro: os filhos são amados antes de chegar. Isto mostra-nos o primado do amor de Deus que sempre toma a iniciativa, porque os filhos são amados antes de ter feito algo para o merecer. (FRANCISCO, 2016, p. 103).

Como se pode perceber, mediante o uso de uma linguagem teológica, Francisco (2016) elucida que o amor dos pais é semelhante ao amor de Deus, ou seja, é primordial (o amor divino antecede o amor do humano a Deus) e incondicional. Esse pensamento também nos leva à problematização de que a falta do amor primário em certos contextos existenciais, poderá impactar negativamente a imagem que uma pessoa tem de Deus, além de comprometer a qualidade de suas relações intersubjetivas. Todavia, é preciso ressaltar que a privação do amor primário não será um fator negativo determinante na vida do indivíduo, é preciso primordialmente considerar as *variações existenciais*² de cada pessoa. São estas variações que

¹ Deve-se aclarar que devido a presença de alguma tipo de psicopatologia ou de certas contingências da vida, pode ocorrer a paralisação da vivência produtiva e saudável, levando a pessoa a uma espiral de destrutividade. Neste contexto, o cultivo e o aperfeiçoamento do atributo da resiliência será fundamental para que o sujeito possa ressignificar de uma melhor forma os acontecimentos negativos de sua vida (BERNDT, 2018).

² Chamamos de *variações existenciais*, a singularidade de cada ser humano, que abarca dentre outros aspectos: toda a gama de experiências, a sua cosmovisão e o seu modo particular de se relacionar com o mundo.

irão determinar o modo pelo qual se dará a relação do sujeito com o mundo que o cerca. Isso significa que, mesmo aquelas pessoas que foram negligenciadas do amor primário, poderão desenvolver relações intersubjetivas saudáveis. Neste tópico, tratamos mesmo que modo sintético, a noção do amor primário a sua relação com o desenvolvimento da esfera intersubjetiva do indivíduo. Dessa forma, baseado nas reflexões apresentadas até o momento, o nosso próximo tópico visa discorrer sobre a noção da *casa comum* – proposta por Francisco –, evidenciando os desafios contemporâneos para a preservação do nosso planeta.

3. A preservação da casa comum: os desafios do nosso tempo

Inicialmente, é preciso entender que o ato de amar e o de cuidar são inseparáveis, a atitude de preservar algo é nutrida pela amor que sinto por este objeto de amor³. Em outra terminologia, deve-se dizer que o amor genuíno não é narcísico, pelo contrário, o amor autêntico é imbuído pela *responsabilidade do cuidado*. Diante destas colocações, pode-se afirmar que, a pessoa que cultiva o amor verdadeiro é detentor de uma reverência pela vida; já as relações humanas regidas pelo pseudoamor são caracterizadas em grande parte pelo narcisismo e pelo hedonismo radical (COTTA, 2020).

Em sua encíclica *Laudato Si*, papa Francisco destaca o consumismo exacerbado, o hedonismo radical e a indiferença à vida como as principais problemáticas de nosso tempo, espectros nocivos que se encontram arraigados em nossa cultura ocidental. Segundo Francisco (2019), quando uma pessoa se torna indiferente ao sofrimento do outro, ela não se dá conta do seu próprio sofrimento, pois o sentimento de *felicidade* – proporcionado pela sociedade consumista – anuvia a sua consciência da realidade. O nosso autor ainda ressalta que *o cuidado da casa comum* é um desafio urgente que “[...] inclui, a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral.” (FRANCISCO, 2019, p. 13).

De acordo com Francisco (2019) é preciso que todas as pessoas se conscientizem que a preservação de nosso planeta é de responsabilidade de todos, é o nosso legado para próximas gerações. Com o intuito de expandir a reflexão sobre este tema, pode-se implementar na grade curricular de ensino – em variados níveis escolarização –, uma subdisciplina focada na *conscientização planetária*, com o objetivo de incentivar a reflexão dos alunos e das alunas acerca do cuidado com a casa comum. Outra medida a ser tomada está associada à aplicação de

³ O termo *objeto de amor* está associado as variadas tipologias de amor, como por exemplo: amor dos pais pelos filhos, amor a Deus, amor fraterno, dentre outros.

leis mais severas, direcionadas às empresas que não se adequarem aos protocolos de responsabilidade socioambiental.

Dentre as principais problemáticas contemporâneas referentes a preservação do nosso planeta, Francisco (2019) aponta: a poluição e as mudanças climáticas, a perda da biodiversidade, a deterioração da qualidade de vida humana e a degradação social. Dentre estas problemáticas ressaltadas pelo nosso autor, é possível verificar que a *cultura do descarte* possui uma grande parcela de responsabilidade pela deterioração do planeta. Em outras palavras, o nosso planeta está *doente*, porque uma grande parte dos seres humanos se tornaram indiferentes ao seu sofrimento. Para o sumo pontífice, “[...] esses problemas estão intimamente ligados à cultura do descarte, que afeta tanto os seres humanos excluídos como as coisas que se convertem rapidamente em lixo.” (FRANCISCO, 2019, p. 19).

Dentro deste espectro destrutivo, observa-se que a poluição dos rios e seus afluentes, a perda da biodiversidade e a deterioração da qualidade de vida – cada qual com sua repercussão na vida humana – possuem um elo que os conecta, a saber, *a sede de Ter*, ter mais poder, mais dinheiro, mais *status* e assim por diante. É mais do que uma ideologia propagada pela sociedade do consumo, é um modo de existência humana. Segundo o psicanalista Erich Fromm, a pessoa que vive segundo o modo Ter de existência, não se preocupa com a preservação da vida, sua meta é a aquisição, seja ela direcionada a objetos, ao dinheiro ou a pessoas (FROMM, 2014). Assim, pelo fato do *modo Ter de existência* se configurar em um problema existencial humano, o *cuidado da casa comum* também deve ser contemplado sob o prisma da necessidade de uma ressignificação *psicoespiritual*⁴ do indivíduo.

O sujeito que busca a todo custo alcançar o sucesso profissional e financeiro, acaba por se tornar indiferente quanto a repercussão negativa de suas ações frente ao outro. Este viés, referente à noção de sucesso a todo custo, pode ser ilustrado pelo seguinte exemplo: uma pessoa regida pela indiferença à vida e, que, ocupa um cargo de *CEO*⁵ (*Chief Executive Officer*) em uma determinada empresa, desempenhará uma gestão estratégica cujo lema será *lucratividade em primeiro lugar, custe o que custar*. Ou seja, quando a desumanização se faz presente no âmbito organizacional, não há preocupações e nem medidas preventivas quanto aos impactos negativos causados à natureza, (como o desmatamento desenfreado, a poluição das nascentes e

⁴ O termo *psicoespiritual*, na perspectiva psicanalítica humanista se refere a interface entre as duas esferas humanas: a psíquica e a espiritual. A primeira abrange os conteúdos do inconsciente do sujeito, seus mecanismos de defesa, sua conduta subjetiva e intersubjetiva, dentre outros elementos. A dimensão espiritual abarca a noção da busca pelo sentido da vida, a transcendência como saída do egocentrismo, o cultivo do vigor e da harmonia interior e a vivência autêntica (COTTA, 2020, p. 87).

⁵ A expressão estrangeira *Chief Executive Officer*, se refere a um alto cargo hierárquico de uma empresa e que, pode ser traduzido como Diretor Executivo.

vias fluviais, dentre outros); desde que os *meios* adotados alcancem os *fins* de lucratividade, eles – os meios – serão justificáveis.

Por fim, vale ressaltar a problemática da desigualdade econômica planetária, que de acordo com as palavras do papa Francisco (2019) deve ser objeto de nossa preocupação: “[...] gostaria de assinalar que muitas vezes falta uma consciência clara dos problemas que afetam particularmente os excluídos. Estes são a maioria do planeta, vários bilhões de pessoas.” (FRANCISCO, 2019, p. 31). Para o nosso autor, a luta pela justiça social deve ser um desafio partilhado por todos, sem exceção. A exclusão social não deve ser reduzida à um problema sociopolítico, exclusivo das esferas governamentais, mas algo que atravessa a nossa existência e, que, demanda a nossa ação. Em outras palavras, o apelo do sumo pontífice se refere a necessidade de exercitarmos a empatia e a solidariedade com aqueles que mais necessitam, criando formas de promoção da dignidade humana.

Quando abordamos o tema sobre a necessidade da promoção da dignidade humana, não podemos deixar de mencionar a contribuição da educação humanizadora neste processo. Apesar de verificarmos, em alguns contextos, a difusão de ensinamentos alienados – que conduzem o indivíduo a uma postura de indiferença ao outro – em nossa sociedade, também é possível visualizar métodos educacionais humanizadores, capazes de despertar uma consciência biófila⁶ (COTTA, 2019). Neste sentido, uma educação humanizadora é aquela que promove a conscientização do indivíduo acerca das problemáticas de seu tempo, para que assim, ele (o indivíduo) não se torne alheio e indiferente ao sofrimento do outro.

Outro aspecto, que segundo Francisco (2019), deve ser objeto de conscientização do sujeito se refere ao viés patológico do consumismo, que acarreta em inúmeros danos ao nosso planeta e a saúde de todos nós. Nas palavras do nosso autor:

O referido paradigma [consumista] faz crer a todos que são livres, pois conservam uma suposta liberdade a minoria que detém o poder econômico e financeiro. Nessa confusão, a humanidade pós-moderna não encontrou uma nova compreensão de si mesma que possa orientar, e essa falta de identidade é vivida com angústia. (FRANCISCO, 2019, p. 117-118).

O fragmento supracitado nos convida a refletir sobre o viés nocivo do consumismo exacerbado, uma atitude hedonista e patológica que visa suprir uma carência existencial do sujeito (COTTA, 2019). Além disso, o consumismo deve ser contemplado como uma atitude improdutiva que impede a pessoa de se conscientizar de seu *cativeiro interior*, ela se acha livre

⁶ O termo caracteriza uma forma produtiva de interação do sujeito com o mundo que o rodeia. Em outros termos, pode ser definido como um modo existencial pautado pelo amor à vida.

mas permanece escravizada por seus desejos irracionais, desejos estes que a privam de uma vida mais saudável e harmoniosa (COTTA, 2021).

Todavia, também cabe esclarecer que o indivíduo é capaz de aprimorar a sua personalidade por intermédio de novas experiências e *insights*, tornando-se cada vez mais consciente e alcançando a liberdade interior, o que lhe permite ressignificar o modo como interage com a sociedade da aquisição. Nessa premissa, papa Francisco nos elucida que:

Sempre é possível desenvolver uma nova capacidade de sair de si mesmo rumo ao outro. [...] A atitude basilar de autotranscender, rompendo com a consciência isolada e a autorreferencialidade, é a raiz que possibilita todo o cuidado dos outros e do meio ambiente; e faz brotar a reação moral de ter em conta o impacto que pode provocar cada ação e decisão pessoal fora de si mesmo. (FRANCISCO, 2019, p. 119).

As ponderações realizadas por Francisco (2019), estão associadas a ato de ir além de si mesmo, de romper a *bolha* do isolamento e se dirigir ao encontro do outro. Em termos sintéticos, a autotranscendência é capaz de despertar na pessoa a ideia de que todos os seres estão interligados, de que todos nós partilhamos da mesmas mazelas e alegrias da vida. Desse modo, a partir dessa reorientação existencial produtiva, o indivíduo será capaz de desenvolver uma consciência fraterna, pautada pelo cuidado com o outro e pelo amor à vida, aspectos que serão abordados no nosso próximo tópico.

4. Se eu for só por mim quem sou eu? a consciência fraterna e o rompimento do egocentrismo

Em sua encíclica *Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social*, o papa Francisco aborda a importância da ruptura de uma existência pautada pelo egoísmo, pois não há como falarmos em fraternidade quando nos fechamos em nosso próprio mundo. Uma vivência egocêntrica torna a pessoa indiferente ao sofrimento do outro, e esta indiferença é o reflexo da ausência do amor. Diante dessa perspectiva é importante salientar que o amor genuíno não é narcísico – amo a minha imagem refletida no outro –, pelo contrário, o amor autêntico é receptivo e acolhedor, ele se dirige ao diferente, pois ama a singularidade da outra pessoa.

Com o intuito de abordar o conceito de fraternidade, presente tanto na tradição judaica quanto no cristianismo, papa Francisco (2020) cita o sábio judeu Hillel (110 a. E. C. – 10 d. E. C), lembrando uma de suas máximas mais conhecidas a respeito do amor universal:

No judaísmo que se desenvolveu fora da terra de Israel, as fronteiras foram-se ampliando. Aparece o convite a não fazer aos outros o que não queres que te façam (Tb 4, 15). A esse propósito dizia, no século 1 (a. C), o sábio Hillel: “Isto é a Lei e os Profetas. Todo o resto é comentário.” O desejo de imitar o comportamento divino levou a superar aquela tendência de limitar o amor aos mais próximos. (FRANCISCO, 2020, p. 39).

Esta máxima atribuída a Hillel, salienta que os atos de bondade (*guemilut chassadim*) de um judeu não devem ser restritos somente ao seu povo/etnia, mas que também devem se direcionar a outras pessoas que não fazem parte de sua comunidade ou de sua tradição religiosa. Desse modo, pode-se dizer que a máxima difundida por Hillel, é um convite para a difusão do *amor universal*, elemento indispensável para a instauração de uma consciência fraterna.

Além disso, um outro aspecto que vale ser mencionado é a noção de altruísmo, também presente nos ensinamentos de Hillel e que, é contemplada no seguinte fragmento: “Se eu não for por mim quem será? Se eu for só por mim, quem sou eu? Se não for agora, quando?” (Mishnah *apud* FROMM, 1977, p. 7). A máxima expressa a ideia de que, o outro também deve ser incluído nas minhas ações. Em outras palavras, a minha atitude no mundo não deve ser egocêntrica, ela deve ser pautada pela cuidado com o outro.

De acordo com o papa Francisco (2020), o atributo da compaixão é fundamental para o exercício da fraternidade; mais do que se colocar no lugar da outra pessoa, a compaixão visa criar maneiras de extinguir o sofrimento. Esta concepção acerca da compaixão, vai ao encontro do pensamento do teólogo Faustino Teixeira, que nos elucida que:

Falar hoje em compaixão pode soar estranho aos ouvidos de alguns. Trata-se de um sentimento tão distante do modo como o ser humano vem construindo sua personalidade nesses espaços modernos propícios ao individualismo. Mas continua a ser fundamental e provocar as cordas mais profundas do espírito humano. Longe de ser identificada com um mero sentimento de piedade ou comiseração, a compaixão diz respeito ao profundo desejo de remediar todas as formas de sofrimento que corroem a humanidade e toda a criação. (TEIXEIRA, 2003, p. 32)

Como se pode evidenciar, a compaixão é o oposto da indiferença. A compaixão é um profundo ato de amor que rompe com a premissa individualista de nosso tempo. Ao discorrer sobre a compaixão, Francisco (2020) realiza uma associação com a parábola cristã do Bom Samaritano, explicitando que a religiosidade deve ser vivida de modo autêntico, para que as nossas práticas sejam indissociáveis de nosso discurso.

No que diz respeito a vivência de uma religiosidade imbuída pela criticidade e pela corporificação das palavras pelo exemplo, vale mencionar a noção do psicanalista humanista Erich Fromm, que é exemplificada na seguinte concepção: “o modo de o indivíduo olhar o

vizinho ou falar com uma criança, seu modo de comer, de andar, ou seu aperto de mão, ou ainda o modo como se comporta um grupo em relação às minorias exprime muito mais sua fé e o seu amor, do que qualquer crença expressa em palavras.” (FROMM, 1966, p. 77). Ressaltando as nuances e as particularidades da cosmovisão tanto do papa Francisco quanto de Erich Fromm, é possível verificar algumas aproximações entre ambos, sobretudo, no que tange a noção de uma religiosidade genuína.

Para Francisco (2020), o diálogo autêntico é essencial para a instauração de um encontro amistoso entre as pessoas, diálogo este que deve prezar pelo respeito e pela valorização da singularidade de cada indivíduo. Ainda segundo o sumo pontífice, a construção de uma sociedade humanizada deve estar alicerçada pelo diálogo autêntico, que “[...] inclui a capacidade de respeitar o ponto de vista do outro, admitindo a possibilidade de que nele contenha convicções ou interesses legítimos.” (FRANCISCO, 2020, p. 107). O diálogo verdadeiro possui como uma de suas principais características a receptividade, isto é, exige a prática de uma escuta empática, que visa construir *pontes* pelas quais as pessoas – que participam do diálogo – possam caminhar em harmonia.

Por fim, o papa Francisco salienta que a defesa dos mais pobres deve ter primazia tanto por parte da Igreja quanto das políticas governamentais. Como uma de suas principais características, o pontificado de Francisco lança o desafio de uma *Igreja em saída*, um movimento imbuído de amor, que se destina aos católicos e a todas as pessoas de boa vontade. De modo geral, o desafio proposto por Francisco está calcado no exemplo do ministério de Jesus de Nazaré, que dirigia os seus ensinamentos a parcela mais carente e marginalizada do povo de Israel⁷, não fazendo acepção de pessoas e difundindo uma mensagem baseada no amor universal de Deus.

Em outras palavras, o desafio de uma *Igreja em saída* nos convoca a participar de uma luta conjunta pela melhoria da condição de vida da população carente e daqueles que tem suas vozes silenciadas pelas estruturas de poder autoritárias. Desse modo, a luta contra o estado de opressão, deve ser imbuído pelo senso do amor e não do ódio, amar o opressor nesse contexto, não é compactuar com as suas ações, mas criar formas para que ele “[...] deixe de oprimir, tirar-lhe o poder que não sabe usar e que o desfigura como ser humano.” (FRANCISCO, 2020, p. 125). Este posicionamento do papa Francisco, se aproxima da cosmovisão do educador brasileiro Paulo Freire, que ressalta que a luta contra o estado de opressão deve ser permeada

⁷ Para uma análise psicanalítica do cristianismo primitivo, recomendamos a obra *O dogma de Cristo* de autoria de Erich Fromm.

pelo amor e não pelo ódio, procurando trazer à consciência do opressor os impactos nefastos de suas ações e por fim, destitui-lo de seu poder de oprimir (FREIRE, 2020).

Em suma, o desenvolvimento da consciência fraterna é um processo que demanda uma ressignificação existencial. Nesse sentido, a educação humanizadora deve ser entendida como um dos principais recursos para o aperfeiçoamento da consciência do sujeito. A medida que se humaniza, a pessoa se apropria do diálogo verdadeiro, percebendo que a beleza da vida está justamente na diversidade da Criação. Além disso, a partir de sua reorientação existencial, o indivíduo se torna *inquieto* e não mais indiferente, e essa sua inquietação interior o motiva a criar meios para extinguir o sofrimento do outro, uma atitude que é a essência do que chamamos de compaixão.

5. Conclusão

A partir das ponderações apresentadas neste manuscrito, é possível perceber a importância do amor primário na estruturação psíquica do indivíduo. Essa noção nos leva ao entendimento de que, a personalidade de uma pessoa impactará na forma como ela age no mundo, seja de modo produtivo ou de modo destrutivo. Assim, para preservar a nossa casa comum, devemos em primeiro lugar promover o desenvolvimento de uma consciência fraterna, pautada pelo amor à vida. Isso significa que, para que a pessoa consiga romper com o estado de indiferença é preciso que ela realize uma tomada de consciência, uma reflexão existencial profunda. Todavia, cabe ressaltar que o aprimoramento existencial sempre irá exigir o auxílio de outras pessoas, seja de forma direta ou indireta. O processo de humanização não ocorre no isolamento completo, nos humanizamos através do contato com o outro.

Em segundo lugar é preciso combater a ideologia imposta pela sociedade da aquisição, que gira em torno da lucratividade a todo custo. A desconstrução desse tipo de pensamento é fundamental para que possamos reduzir os impactos ambientais causados pelo consumismo desenfreado. Além disso, é preciso observar que a ideologia consumista promove o hedonismo e o alheamento do sujeito, alimentando a *ilusão da felicidade*. Entretanto, mesmo após consumir coisas incessantemente, o indivíduo ainda se sente frustrado e vazio, pois o consumismo não é capaz de lhe fornecer a harmonia interior.

De modo a concluir o nosso raciocínio, vale lembrar a máxima de Hillel: *se eu for só por mim quem sou eu?* Este trecho não deve ser compreendido como um simples questionamento, mas como um símbolo do senso de fraternidade que, não se rende a ideologia do sucesso a todo custo, mas que se posiciona contra a indiferença e o egocentrismo. Por esta

razão o indivíduo detentor de uma consciência fraterna se torna inquieto, pois não se conforma com as injustiças que acometem o outro, e é esta inquietação que o impele a concretizar o final da máxima: *se não agora quando?*

Referências

BERNDT, C. Resiliência: o segredo da força psíquica. Petrópolis: Vozes, 2018.

COTTA, D. A constituição humana e a educação na sociedade da aquisição: contribuições do pensamento de Erich Fromm. Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 29, n. 2, p. 167-179, 2019. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/7239>. Acesso em: 15 out. 2021.

COTTA, D. A experiência religiosa católica do Encontro de Casais com Cristo (ECC): uma análise sob a perspectiva da psicanálise humanista de Erich Fromm. Curitiba: CRV, 2020.

COTTA, D. Liberdade transcendente: interfaces entre a educação e a religião na cosmovisão de Paulo Freire. Caminhos, Goiânia, v. 19, edição especial, p. 34-54, 2021. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/9105>. Acesso em: 08 dez. 2021.

FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica Pós-Sinodal Amoris Laetitia: sobre o amor na família. São Paulo: Paulus, 2016.

FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica Laudato Si: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus, 2019.

FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 75. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FROMM, E. Psicanálise e religião. 3. ed. Rio de Janeiro: Ibero-Americano, 1966.

FROMM, E. A arte de amar. Belo Horizonte: Itatiaia, 1971.

FROMM, E. Análise do homem. 9. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

FROMM, E. O medo à liberdade. 10. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

FROMM, E. Ter ou ser? 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2014.

TEIXEIRA, F. O diálogo inter-religioso na perspectiva do terceiro milênio. Horizonte, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 19-38, 2003. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/596>. Acesso em: 09 dez. 2021.